

Trump diz que EUA podem cobrar pedágio em Ormuz

Autoridades iranianas orientaram embarcações a evitarem a passagem

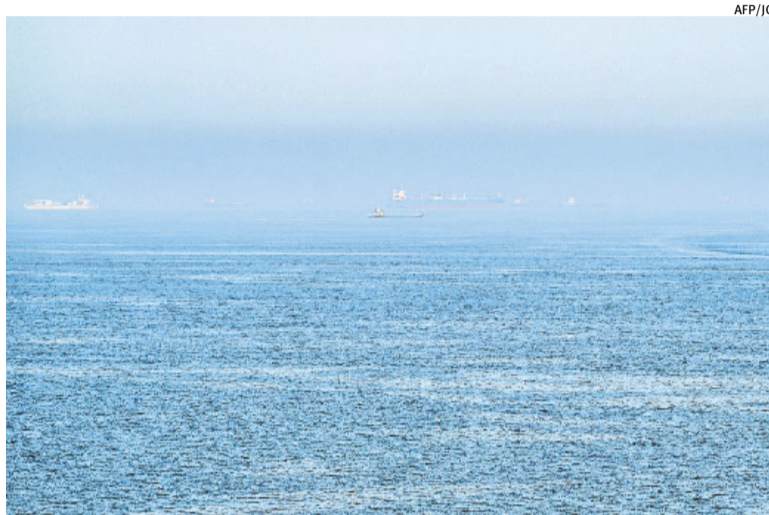
/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sugeriu que o governo norte-americano pode cobrar um pedágio de passagem no Estreito de Ormuz se não houver acordo com o Irã nas negociações de paz em curso. Em publicação nas redes sociais, o republicano disse que a rota permanecerá livre de cobranças - a menos que os EUA decidam impor uma taxa caso o acordo não seja concluído, "como forma de reembolso de custos passados, presentes e futuros".

"Não haverá cobrança de pedágio em Ormuz durante os 60 dias de cessar-fogo. E também não haverá cobrança após esse período, a menos que sejam impostas pelos Estados Unidos da América como forma de reembolso de custos passados, presentes e futuros, caso o acordo não seja concluído", escreveu na rede Truth Social.

A publicação ocorreu horas depois de a Guarda Revolucionária do Irã e o comando militar iraniano anunciarem um novo fechamento do Estreito ao tráfego de embarcações. Segundo Teerã, a medida foi adotada em resposta a violações do acordo de cessar-fogo firmado nesta semana entre Irã, Estados Unidos e seus aliados.

Em comunicado, as autoridades iranianas orientaram embarcações a evitarem a passagem, alegando riscos à segurança. O governo iraniano atribuiu a decisão aos recentes ataques israelenses



No sábado, 55 navios transportaram 17 milhões de barris de petróleo

no sul do Líbano, que deixaram dezenas de mortos e aprofundaram a instabilidade regional.

Apesar do anúncio iraniano, autoridades americanas contestaram a versão. O Exército dos EUA informou que o tráfego marítimo permaneceu ativo ao longo do sábado. Segundo Washington, 55 embarcações atravessaram o estreito transportando cerca de 17 milhões de barris de petróleo.

O vice-presidente americano, J. D. Vance, declarou à emissora Fox News que não havia evidências de interrupção efetiva da navegação. Ormuz é considerado uma das passagens marítimas mais importantes do mundo. Localizado entre os Golfos Pérsico e de Omã, o corredor é responsável pelo escoamento de uma parcela significativa do petróleo exportado por países produtores da região.

Desde o início da atual escalada militar, a possibilidade de interrupções no tráfego marítimo tem sido acompanhada com atenção por governos e mercados financeiros devido ao potencial impacto sobre os preços da energia.

Ainda no sábado, o Irã anunciou o fechamento de Ormuz. A notícia foi divulgada pela agência Fars News, que é ligada ao governo. O anúncio ocorreu horas após um ataque israelense deixar ao menos 10 mortos no Sul do Líbano.

A passagem marítima estava em processo de reabertura. Com a assinatura do protocolo do acordo para pôr fim à guerra entre EUA e Irã, o estreito seria reaberto "instantaneamente" e o bloqueio norte-americano dos portos iranianos seria suspenso, segundo afirmou o primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif.

Derrotado nas urnas, premiê britânico deve renunciar

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O primeiro-ministro britânico Keir Starmer estava avaliando seu futuro político, após a vitória expressiva de Andy Burnham nas eleições parlamentares levar mais ministros do Partido Trabalhista a pedirem sua saída. Com índices de popularidade entre os mais baixos de qualquer líder britânico na história política moderna, Starmer pode decidir já nesta segunda-feira se vai se afastar ou disputar uma eleição interna de liderança contra Burnham.

A crise ganhou força após a vitória eleitoral de seu rival dentro do Partido Trabalhista, Andy Bur-

nam. Ex-prefeito de Manchester, Burnham conquistou uma cadeira no Parlamento nesta sexta-feira (19), o que lhe permite lançar uma candidatura formal à liderança.

A magnitude da vitória agravou a situação de Starmer, com dezenas de parlamentares e alguns ministros pedindo, em conversas reservadas, que ele estabeleça um cronograma de saída para abrir caminho ao ex-prefeito de Manchester.

Uma fonte com conhecimento do assunto disse que Starmer passaria o fim de semana refletindo e conversando com a família sobre sua posição, mas que uma conversa esperada com Burnham esclari-

receria a situação.

Aumentando a pressão, o presidente dos EUA Donald Trump afirmou em sua plataforma Truth Social que "Keir Starmer vai renunciar como primeiro-ministro do Reino Unido", repetindo sua opinião de que Starmer "falhou feio" no corte da imigração e no aumento da produção de petróleo no Mar do Norte. Caso Burnham assumisse o comando, ele se tornaria o sétimo primeiro-ministro britânico nos últimos dez anos. A ex-ministra Jess Phillips disse à BBC que "parece que chegamos ao fim da linha" e que seria melhor que a saída de Starmer fosse "a mais digna possível".

Colômbia vai às urnas em 2º turno entre aliado de Petro e ultradireitista

/ COLÔMBIA

Nem um mês separou o primeiro turno das eleições da Colômbia, no dia 31 de maio, do segundo, disputado ontem. Mas foi tempo suficiente para deixar a população exausta. A fadiga é reflexo da fratura revelada na votação do final de maio.

Contrariando quase todas as pesquisas de intenção de voto, o esquerdista Iván Cepeda, 63 anos, aliado do presidente Gustavo Petro, ficou quase três pontos percentuais atrás de Abelardo de la Espriella, 47 anos, que chegou a 43,7% dos votos válidos.

Levantamentos feitos desde então mostram que a tendência se mantém. O último levantamento, divulgado no dia 13 de junho, mostrava Espriella com 50,9% dos votos, Cepeda com 43,1% e nulos, brancos e indecisos com 5,9%. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Cepeda, senador desde 2014 após quatro anos na Câmara de Representantes, é o oposto do adversário. A cena que descreve a sua personalidade política se deu durante a tragédia pessoal de sua vida. Foi em 9 de agosto de 1994, quando seu pai, conhecido como "o último dos comunistas da Colômbia", foi assassinado um mês

após assumir o cargo de senador.

A partir de então, o político fez da busca por justiça pelas vítimas do conflito armado a sua causa. Ele é conhecido pela calma, mesmo em momentos de confrontação - justamente o que parece ter sido seu calcanhar de aquiles neste pleito dominado pelas emoções que seu adversário impôs no debate público.

Cepeda costuma ler seus discursos em comícios, por exemplo, enquanto Espriella, atrás de um vidro blindado, chama seus concorrentes de criminosos e narcoterroristas e termina prestando continência, gesto que se tornou um dos símbolos da sua campanha. O esquerdista, no entanto, não teve tanto sucesso na tentativa de angariar apoios - grande parte dos candidatos à presidência que ficaram no primeiro turno se alinharam a Espriella, incluindo Paloma Valencia, representante da direita tradicional que ficou em 3º lugar.

O ultradireitista, por outro lado, não se moveu. Estão intactas as suas propostas de construir megapresídios, eliminar instituições criadas pelo Acordo de Paz de 2016 com as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e abrir o país para a exploração de combustíveis fósseis por meio do controverso método de fraturamento hidráulico.

Rodrigo Paz declara emergência após mais de 50 dias de protestos

/ BOLÍVIA

O presidente da Bolívia, Rodrigo Paz, declarou estado de emergência em todo o país na madrugada de sábado, para desobstruir as rodovias bloqueadas, após mais de 50 dias de protestos contra ele. "Este não é um estado de emergência para restringir a vida das pessoas. É um estado de emergência para restaurar a liberdade das pessoas" disse em um pronunciamento televisionado à nação.

Paz explicou que a medida visa garantir o abastecimento de combustível, que está comprometido devido aos bloqueios de estradas que deixaram caminhões-tanque parados. Há também escassez de oxigênio medicinal e alimentos.

O decreto proíbe "bloquear ruas, avenidas, estradas e rodovias que afetem o tráfego e o abastecimento" e ordena que as Forças Armadas apoiem tempo-

riamente a polícia "para restabelecer a ordem, desobstruir as estradas e proteger a população".

Segundo a Autoridade Rodoviária Boliviana, há atualmente mais de 40 bloqueios de estradas. A capital, La Paz, e a cidade vizinha de El Alto são as mais afetadas pelos bloqueios, deixando as cidades sem alimentos e combustível e causando pelo menos 17 mortes. A maioria dos óbitos foi devido à falta de atendimento médico causada pelos bloqueios, segundo a Defensoria Pública e organizações de direitos humanos.

O estado de emergência pode durar até 90 dias, mas pode ser suspenso antes "se cessarem os bloqueios, a violência e as ameaças contra a população", explicou o governo em comunicado. O estado de emergência não limita o direito ao devido processo legal ou às garantias constitucionais e permite que a população continue suas atividades diárias.